

Caminhada Sinodal na Diocese de Viana do Castelo

Assembleia sinodal, 18 de Junho de 2022

Caríssimos Diocesanos

Saúdo-vos a vós aqui presentes nesta assembleia diocesana e em vós saúdo todos os fiéis cristãos da diocese de Viana do Castelo nesta hora de graça para a Igreja.

Sim, passados mais de cinquenta anos da celebração do Concílio Vaticano II, na sequência de várias décadas de recepção do mesmo Concílio, desafiados pela cultura progressivamente secularizada e pela urgente missão da Igreja de evangelizar, somos interpelados pelo Papa Francisco a edificar comunidades cristãs de rosto sinodal, no estilo evangélico de viver na comunhão, a promover a participação de todos os baptizados na missão da Igreja.

Fomos convocados pelo Papa Francisco para participarmos activamente na preparação do próximo Sínodo dos Bispos, a realizar em Roma no próximo ano. Deste modo, não só estamos a enriquecer a reflexão a ter lugar na aula sinodal mas sobretudo estamos a preparar-nos para recebermos as orientações pastorais que nos chegarão da mão do Santo Padre de modo a vivermos a autêntica sinodalidade na Igreja.

Agradeço a participação de todos, sacerdotes, religiosos e religiosas, consagrados e consagradas, leigos e mesmo de pessoas de boa vontade que quiseram também colaborar na renovação da Igreja.

Porém, devemos reconhecer que não estamos só a ajudar na reflexão do sínodo, mas sobretudo a desenvolver um itinerário pastoral na diocese e em cada comunidade cristã que traduza a doutrina Conciliar do Vaticano II em forma de ser, de participar e de exercitar a missão evangelizadora da Igreja.

Permitam-me que cite o Papa Francisco a partir da homilia que ele próprio proferiu na abertura da preparação do sínodo sobre a sinodalidade na Igreja. Diz ele: «os Evangelhos apresentam-nos muitas vezes Jesus “a caminho”, fazendo-Se companheiro do homem no seu

caminho e ouvindo os interrogativos que habitam e inquietam o seu coração».

Aliás, «assim se revela que Deus não habita em lugares asséticos, em lugares pacatos, distantes da realidade, mas caminha connosco e vem encontrar-nos onde estamos, nas estradas por vezes acidentadas da vida».

A partir desta realidade, somos interrogados pelo Santo Padre do seguinte modo: «e hoje, ao abrir este percurso sinodal, começemos todos (Papa, bispos, sacerdotes, religiosas e religiosos, irmãs e irmãos leigos) por nos interrogar: nós, comunidade cristã, encarnamos o estilo de Deus, que caminha na história e partilha as vicissitudes da humanidade? Estamos prontos para a aventura do caminho ou, temerosos face ao desconhecido, preferimos refugiar-nos nas desculpas “não adianta” ou “sempre se fez assim”?».

São três os verbos que evidenciam três profundas actitudes pastorais que são apresentados pelo Papa Francisco: «fazer Sínodo significa caminhar pela mesma estrada, caminhar em conjunto». Deste modo, «fixemos Jesus, que na estrada primeiro *encontra* o homem rico, depois *escuta* as suas perguntas e, por fim, ajuda-o a *discernir* o que fazer para ter a vida eterna. *Encontrar, escutar, discernir*: três verbos do Sínodo».

Após esta introdução, apresento algumas linhas pastorais para melhor concretizarmos o rosto sinodal das nossas comunidades.

1. Igreja Povo de Deus

A Igreja Povo de Deus que vive a comunhão e se corresponsabiliza pela missão evangelizadora é um dos principais eixos da eclesiologia do Concílio Ecuménico Vaticano II. Refere o Concílio que «aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente» (LG, 9).

E acrescenta-se dizendo que «com efeito, os que crêem em Cristo, regenerados não pela força de germe corruptível mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo (cfr. 1 Ped. 1,23), não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cfr. Jo. 3, 5-6), são finalmente constituídos em “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... que outrora não era povo, mas agora é povo de Deus” (1 Ped. 2, 9-10)» (LG, 9).

Na verdade, «ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados» (LG, 13). Realça ainda o Concílio, «por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou uma só natureza humana e resolveu juntar em unidade todos os seus filhos que estavam dispersos (cfr. Jo. 11,52)» (LG, 13).

Eis o primeiro desafio que diz respeito a reconhecer e promover a comunidade cristã como Povo de Deus. Igual na dignidade baptismal e participante activo na missão da Igreja na diversidade de ministérios e carismas.

2. Povo de Deus que caminha na história

A Igreja, Povo de Deus, está no mundo e não só é chamado a ser fermento do Evangelho no contexto histórico em que vive, mas igualmente é desafiado a escutar a sociedade e a cultura envolvente.

Adverte-nos o Concílio Ecuménico Vaticano II dizendo que «destinada a estender-se a todas as regiões, ela entra na história dos homens, ao mesmo tempo que transcende os tempos e as fronteiras dos povos» (LG, 9).

E, acrescenta o texto, «caminhando por meio de tentações e tribulações, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus que lhe foi prometida pelo Senhor para que não se afaste da perfeita fidelidade por causa da fraqueza da carne, mas permaneça digna esposa do seu Senhor, e, sob a acção do Espírito Santo, não cesse de se renovar até, pela cruz, chegar à luz que não conhece ocaso» (LG, 9).

Como refere o início do texto da *Gaudium et Spes*: «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração» (nº1).

Na verdade, é necessário que a Igreja, Povo de Deus, esteja atenta aos Sinais dos Tempos como refere o texto conciliar: «para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas» (GS, 4).

E, continua o texto, «é, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático» (GS, 4).

É tão importante para a Igreja a teologia dos Sinais dos Tempos que no Magistério post-conciliar ela é sempre tida em conta em ordem à renovação da comunidade cristã e aos desafios que se colocam à evangelização do mundo.

Daí a evangelização que requer o diálogo entre a Igreja e o Mundo dos homens e mulheres de cada tempo.

Como afirma o Papa Francisco, «sabemos que a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens» (EG, 181).

3. Promoção de ministérios e carismas

Afectados por uma longa história eclesiológica que não teve em conta uma comunidade verdadeiramente articulada em ministérios, serviços e carismas e por uma acentuação clerical que tanto da parte do clero como dos leigos teima em não ceder à concepção da Igreja povo de Deus,

estamos prisioneiros de uma realidade eclesial que já não corresponde aos tempos em que vivemos e que exige de nós um redobrado esforço de transformação.

Concretamente, tal como o requer o Santo Padre e a Igreja Universal, temos de edificar comunidades cristãs que se edifiquem na diversidade de ministérios e serviços.

Podemos ler na Exortação *Christifideles Laici* que «o Concílio Vaticano II apresenta os ministérios e os carismas como dons do Espírito Santo em ordem à edificação do Corpo de Cristo e à Sua missão de salvação no mundo» (nº 21). Aliás, «a Igreja, com efeito, é dirigida e guiada pelo Espírito que distribui diversos dons hierárquicos e carismáticos a todos os baptizados, chamando-os a ser, cada qual a seu modo, activos e corresponsáveis» (nº 21)

Teremos de renovar esforços na promoção de vocações sacerdotais, religiosas e de consagração; urge preparar e dignificar o sacramento do matrimónio e acompanhar as famílias; exige-se uma atenção privilegiada à actuação do Espírito Santo que concede à comunidade cristã dinamismos evangelizadores que devem acolhidos e acompanhados. Refiro-me aos movimentos apostólicos.

Temos diante nós a obrigação de reconhecer o valor do diaconado permanente e de lhe dar plena integração na vida da nossa diocese e das nossas comunidades paroquiais.

Igualmente o Santo Padre abriu a porta para a instituição de ministérios laicais. Realço, nesta hora, a importância de avançarmos no ministério instituído do catequista.

Neste contexto, despertemo-nos para a beleza e profunda capacidade evangelizadora de uma comunidade que se coloca nesta recepção dos dons do Espírito Santo e não regateemos esforços para a edificar.

4. Diocese e Paróquia que vivem a comunhão e a corresponsabilidade de todos os baptizados

Como refere a Exortação *Christifideles Laici* «nas actuais circunstâncias, os fiéis leigos podem e devem fazer muitíssimo para o

crescimento de uma autêntica *comunhão eclesial* no seio das suas paróquias e para o despertar do *impulso missionário* em ordem aos não crentes e, mesmo, aos crentes que tenham abandonado ou arrefecido a prática da vida cristã» (nº 27).

Faz parte dos direitos de todos os fiéis cristãos a sua participação não apenas pessoal mas e sobretudo nos organismos eclesiais de comunhão, participação e corresponsabilidade, como são, o Conselho Pastoral Diocesano, o Conselho Pastoral Paroquial/Arciprestal ou de Unidade Pastoral, o Conselho Económico Diocesano, o Conselho Económico Paroquial, Assembleias Diocesanas e Assembleias paroquiais/arciprestais ou de Unidade Pastoral.

Itinerário difícil, a exigir paciência e capacidade para reiniciar permanentemente, mas absolutamente necessário na renovação da Igreja e de cada comunidade cristã. Teremos de dedicar o melhor do nosso esforço, como Pastores, nesta causa.

Acresce, a atenção aos dinamismos que devem emanar do apostolado dos leigos e que se traduzem na sua actuação no meio do mundo.

Pertence também à comunidade cristã a promoção de grupos e movimentos, sectores da vida pastoral e iniciativas pastorais que atendam à evangelização dos meios de vida, a família, a escola, as empresas, a cultura, o lazer, a ecologia, a política.

5. Edificação de verdadeiras comunidades cristãs

O sujeito da acção pastoral, qualquer que seja o sector ou iniciativa, é a comunidade cristã. Sem comunidade, a acção pastoral da Igreja fica desvalorizada ou mesmo anulada.

Por isso, é urgente dar-mos conta da fundamental prioridade em edificar comunidades cristãs, a dar atenção, a devida formação e a tornar todos os seus membros participativos e corresponsáveis pela missão da Igreja.

Como afirma o Papa Francisco «a Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam» (EG, 24).

Continuando ainda com a Palavras do Papa, reconhecemos que «a paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade» (EG, 28).

Assim «embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser “a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”» (EG, 28).

De facto, «isto supõe que esteja realmente em contacto com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos» (EG, 28).

Aliás, «a paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração» (EG, 28).

Na verdade, «através de todas as suas actividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização» (EG, 28). Por isso mesmo é reconhecida como «comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário» (EG, 28).

Compartilhamos a mesma preocupação do Santo Padre quando afirma que «temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-as ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-as completamente para a missão» (EG, 28).

Acompanhamos o Papa na sua forte interpelação quando diz que «a pastoral em chave missionária exige o abandono deste cómodo critério pastoral: “fez-se sempre assim” (EG, 33). Daí, como refere o Santo Padre, «convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os

objectivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades» (EG, 33).

Aliás, «uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para os alcançar, está condenada a traduzir-se em mera fantasia» (EG, 33). Na verdade, acrescenta ainda o Papa Francisco, «a todos exorto a aplicarem, com generosidade e coragem, as orientações deste documento, sem impedimentos nem receios» (EG, 33).

Estando a referir-se à Exortação «A Alegria do Evangelho», como documento programático para a vida da Igreja e de cada comunidade cristã, sublinha que «importante é não caminhar sozinho, mas ter sempre em conta os irmãos e, de modo especial, a guia dos Bispos, num discernimento pastoral sábio e realista» (EG; 33).

6. Valorizar os Sacramentos da Iniciação Cristã

Ao tomarmos consciência da Igreja como Povo de Deus, temos de valorizar os sacramentos da Iniciação Cristã – Baptismo, Confirmação e Eucaristia – como fundamento do ser cristão e como estímulo para a participação activa de todos os baptizados e para que estes estejam capacitados para dar razões da sua fé em Jesus Cristo.

A Igreja, já desde há bastante tempo, tem vindo a alertar para a necessidade de organizar a Iniciação Cristã de Adultos nas comunidades cristãs.

Exige-se hoje uma sólida formação cristã, em modelo catecumenal, mesmos para aqueles que já foram baptizados mas que deixaram a prática cristã.

Como efectivar esta exigência que todos sentimos mas que parecem não termos capacidade para implementar?

Têm, também nesta área da vida pastoral, uma importância primordial os sacerdotes como Pastores das comunidades cristãs e agregando a si outros fiéis capazes de orientarem grupos de Iniciação Cristã.

Conclusão

Termino renovando a minha palavra de agradecimento pela vossa participação, louvando e dando graças ao Senhor o Bom Pastor pelos sacerdotes, religiosos e religiosas, consagrados e consagradas, fiéis leigos, famílias e jovens que se entregam na tarefa evangelizadora da Igreja.

Bem hajam.

Exorto a todos e a cada um, a darmos o melhor das nossas forças, a empenharmos a nossa fé e comunhão com Jesus Cristo na renovação da Igreja e de cada uma das comunidades cristãs. Esta é a hora de renovar as nossas comunidades cristãs em ordem à missão evangelizadora no mundo actual.

De facto, tal como refere o Papa Francisco na referida homilia, «Jesus chama-nos – como fez com o homem rico do Evangelho – a esvaziar-nos, a libertar-nos daquilo que é mundano e também dos nossos fechamentos e dos nossos modelos pastorais repetitivos, a interrogar-nos sobre aquilo que Deus nos quer dizer neste tempo e sobre a direção para onde Ele nos quer conduzir».

Caríssimos diocesanos, uso as mesmas palavras do Papa no citado texto para vos dizer: «bom caminho em conjunto! Sejamos peregrinos enamorados do Evangelho, abertos às surpresas do Espírito Santo. Não percamos as ocasiões de graça do encontro, da escuta recíproca, do discernimento. Com a alegria de saber que, enquanto procuramos o Senhor, é Ele quem primeiro vem ao nosso encontro com o seu amor».

+João Lavrador, Bispo de Viana do Castelo